

» ANA MARIA CAMPOS
» BETA GERMANO
ESPECIAL PARA O CORREIO

MARIA CARMEN,

Maria Carmen Germano Braga partiu ontem, aos 73 anos, depois de muitas batalhas vencidas. Foi uma guerreira. Tão forte que os familiares e amigos acreditavam até o fim que o duro momento que ela vivia seria apenas mais um de tantos obstáculos que conseguiu derrubar. Afinal, ela superou vários, com personalidade, garra e obstinação. “Vou vencer”, dizia sempre.

E venceu muitas vezes. Nos estudos, na vida pessoal e nas adversidades da saúde. Colecionou vitórias. Ela dizia ser realizada em todos os sentidos, como filha, mãe, mulher e profissional, e foi exemplo para muitas mulheres ao quebrar rótulos de sua geração.

Tati, como era carinhosamente chamada pelos mais próximos, tinha orgulho de dizer que estudou no Centro Integrado de Ensino Médio (Ciem), a escola com projeto pedagógico inovador idealizado por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Ela chegou como caloura em 1968, nos anos de chumbo. Tempos de mudança nos comportamentos, no modo de se vestir, nas relações humanas, numa escola de ensino médio que formava alunos com capacidade criativa e pensamento crítico.

Formou-se em engenharia civil quando era raro encontrar mulheres nas salas de aula do curso na Universidade de Brasília (UnB). Adorava uma obra. Fez muitas. Ideias pipocavam na sua cabeça. “Vamos quebrar aqui, abri ali...”

Mas era uma obra sempre escondida que mais despertava seu interesse: o saneamento básico. Como engenheira da Caesb, e depois em consultorias, ela executou muitos projetos que deram dignidade a famílias até então sem rede de esgoto no Brasil inteiro.

Também amava literatura, arte e pintava quadros, louças, cerâmicas. Gostava de viajar pelo mundo, mas suas maiores paixões eram Paris e o Rio de Janeiro, com sol, mar e toda a poesia.

Na Caesb, ela conheceu seu companheiro de vida, o também engenheiro Roberto Maurício Pires Campos. Juntos tiveram a caçula Roberta,

mas formaram uma família com sete filhos, uma deles, três dela e três dele, todos unidos como irmãos.

Era a luz da família. Seus sonhos eram abraçados por todos. Foi assim que, depois de décadas morando em Brasília, Tati decidiu viver no Leblon. O casal se mudou para um apartamento com uma vista para o mar, onde era possível admirar as ondas e as ilhas Cagarras da janela da sala. E ela suspirava toda vez que via o Cristo Redentor de braços abertos... para ela.

Nasceu em Muriaé, mas tinha alma carioca — dizia que sentia a brisa do Rio de Janeiro na cidade mineira. Fez a vida e criou os filhos em Brasília, mas era na praia, com sol e uma cerveja gelada, que sentia a felicidade plena. Gostava de se sentar de frente para o mar, conversar com os vários amigos, desde a turma do inglês aos que ela fez ali mesmo, como Aguiar, dono da barraca instalada em frente à Rua Carlos Góis.

Vaidosa, estava sempre bronzada, maquiada e usando salto alto. Foi uma apaixonada por carnaval. Adorava desfilar na Marquês de Sapucaí e, durante quase 20 anos, escolhia as suas fantasias para a escola do coração, a Imperatriz Leopoldinense. Na véspera do carnaval, partiu. E o Rio chorou. O corpo de Carmen será cremado, hoje, no Cemitério da Penitência, no Caju, Rio de Janeiro. Parte das cinzas será lançada no mar do Leblon e parte trazida para Brasília.

Pouco antes do Natal, ela se submeteu a um transplante de medula como parte do tratamento de uma leucemia. Voltou para casa, viu o mar e curtiu os últimos dias com os filhos e seu grande companheiro. Mas, fragilizada pela doença, não resistiu. Tati ainda queria conhecer muitos lugares no mundo: México, Egito, mais da Rússia, entre outros. Queria mostrar tudo para as suas netas.

Era filha única de Dona Mocinha, com cinco irmãos, Edmundo, Milton Rui, que já se foram, Raul e Geraldo. Além dos dois irmãos, ela deixa o marido, Roberto, os filhos, Mariana, André, Mila e Roberta, os enteados, Flávia, Tharsis e Ana Maria, genros, netos de consideração e os cinco netos de sangue, sua maior obra dos últimos tempos: Valentina, Catarina, Maya, Beatriz e Renato.



Fotos: Arquivo Pessoal

Era uma pessoa realizada em todos os sentidos, como filha, mãe e profissional, e foi exemplo para muitas mulheres ao quebrar rótulos de sua geração



Maria Carmen, a primeira da direita para a esquerda, no Ciem

73 ANOS, UMA GUERREIRA

O ADEUS AO ARQUITETO



PAULO HENRIQUE VEIGA

O arquiteto e urbanista Paulo Henrique Veiga morreu aos 69 anos, em decorrência da Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) — doença que afeta o sistema nervoso e prejudica as funções físicas. O defensor da liberdade, democracia e dignidade não resistiu, fazendo a passagem na noite da última quarta-feira, mas com certeza deixou um legado para quem fica.

Amante de projetos e construções, o Paulinho travou a batalha contra a ELA durante 11 anos. O filho Henrique Pinheiro Veiga contou ao **Correio** que o pai teve muita coragem de enfrentar a doença, apesar das dificuldades. “Foi impressionante a força dele para encarar 11 anos dessa doença terrível. Eu me orgulho de ser filho dele. Me ensinou valores e postura para com a vida que carregarei para sempre”, destacou.

Apassionado pelo Fluminense Futebol Clube, Paulinho descansou após presenciar a vitória do time do coração. “Na última terça-feira, quando os sinais vitais começaram a cair, estávamos todos juntos vendo o que seria a última partida do Fluminense presenciada por ele. Ainda bem que ganhamos”, revelou Henrique.

“Mesmo com todas as limitações, era nítida a sua vontade de seguir vivendo. Agora, o que fica é a saudade e as boas lembranças. De seu sorriso largo e bom humor. São tantas histórias compartilhadas nessas últimas 24 horas pelos companheiros de caminhada. Histórias que não tive antes a oportunidade de conhecer”, disse o filho.

Homenagem

Paulo tinha como lema de vida: buscar uma sociedade mais

justa e digna. Segundo amigos contemporâneos da Universidade de Brasília (UnB), ele teve “um papel fundamental como representante estudantil, além da preparação de todos os atos que levaram à greve de 1977.”

No mesmo ano, ele foi expulso da faculdade e decidiu se matricular no curso de arquitetura, em Goiânia. Na capital de Goiás, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). Amigo de longa data, Luiz Philippe Torelly não mediu palavras para se despedir do companheiro.

“Nosso querido amigo de muitas lutas e alegrias, partiu. Durante sua trajetória, ele foi um defensor do respeito à dignidade humana e aos direitos fundamentais dos trabalhadores. O profissional deixa um legado de compromisso com as lutas sociais e com o socialismo”, relatou Luiz.

NÃO PULE a Infância

Proteja a infância. Denuncie o trabalho infantil. Disque 100.

#Chega de Trabalho Infantil

MPT
Ministério Público do Trabalho